

INICIAÇÃO ESPORTIVA, TEMPO DE PRÁTICA E DESENVOLVIMENTO DE JUDOCAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

DR. MARCELO MASSA

Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo
(São Paulo – São Paulo – Brasil)
E-mail: mmasa@usp.br

MS. RUDNEY UEZU

Universidade Presbiteriana Mackenzie
(Barueri – São Paulo – Brasil)
E-mail: ruez@uol.com.br

GRAD. RAFAEL PACHARONI

Bacharelado em Educação Física,
Universidade Presbiteriana Mackenzie
(Barueri – São Paulo – Brasil)
E-mail: pacharoni_rp@yahoo.com.br

DRA. MARIA TEREZA SILVEIRA BÖHME

Departamento de Esportes, Escola de Educação Física e Esporte,
Universidade de São Paulo
(São Paulo – São Paulo – Brasil)
E-mail: terbohme@usp.br

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a idade de iniciação esportiva, o processo de iniciação na modalidade judô, e o tempo de prática de judocas olímpicos brasileiros. Foi utilizada uma amostra de seis judocas, pertencentes à seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004. A pesquisa utilizou como instrumento uma entrevista composta por duas perguntas abertas. Os discursos indicaram que o início precoce do treinamento é um dos fatores mais relevantes para a aquisição de um alto nível de desempenho posterior, ao tempo que a idade média de iniciação na modalidade ocorreu por volta dos $6,2 \pm 1,3$ anos. Não só o apoio familiar, associado a um microsistema de desenvolvimento de atletas, forma um ambiente capaz de gerar judocas de nível internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Judô; aptidão; iniciação esportiva; desenvolvimento do talento.

INTRODUÇÃO

Constantemente tem se discutido na literatura da ciência do esporte, como determinar a faixa etária mais adequada para se iniciar um processo de treinamento sistemático e específico em uma única modalidade esportiva. Correlacionados a esta problemática, outros pontos, como o tempo de prática necessário para se tornar um jogador de alto rendimento e o ambiente de iniciação deste jogador, necessitam de mais estudos, de maneira a abranger as mais diferentes modalidades esportivas, assim como as diferenças socioculturais que variam de país para país.

Ao analisarmos a idade em que os jovens iniciam o treinamento específico e a competição, percebe-se que existe uma grande divergência de informações na literatura, haja vista as tradições existentes em cada país, bem como as características do indivíduo e a modalidade esportiva considerada.

Não só além da idade adequada para o início do treinamento específico, é fundamental que as crianças tenham acesso às mais diversificadas atividades motoras desde os primeiros anos de vida, de modo a possibilitar, de forma prazerosa, o desenvolvimento de um amplo acervo motor. Essas experiências iniciais compõem a base para a especialização esportiva em idades posteriores (BLOOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI, RATHUNDE e WHALEN, 1997; GALLAHUE e OZMUN, 2005; GRECO e BENDA, 1998).

Desse modo, aspectos como a valorização cultural do esporte e agentes sociais como a família e a escola, podem exercer uma influência marcante na formação de atletas. Em outras palavras, a probabilidade de a criança possuir uma base motora adequada tem elevada relação com as oportunidades ambientais as quais essa criança tem acesso (GALLAHUE e OZMUN, 2005; STODDEN et al., 2008; STORK & SANDERS, 2008).

Ademais, o acesso a locais específicos de prática esportiva - com aulas ministradas por profissionais devidamente preparados e tendo como objetivo principal o desenvolvimento harmonioso da criança, o respeito à individualidade e o conhecimento da especificidade da modalidade esportiva -, seriam elementos fundamentais no que tange à qualidade das forças de apoio que são imprescindíveis para o desenvolvimento ideal de crianças e jovens e, conseqüentemente, para a promoção de talentos esportivos (MARTINDALE, COLLINS e DAUBNEY, 2005; VAEYENS et al., 2008; PACHARONI e MASSA, 2012). Apesar de essas asserções encontrarem algum suporte na literatura científica, ainda é necessário um maior entendimento do processo de formação do talento esportivo.

Corroborando com este contexto, o tempo de prática também é um dos fatores que frequentemente é discutido pela literatura relacionada ao treinamento esportivo. A própria teoria de treinamento a longo prazo (TLP) traz subentendida

a ideia de que o tempo de prática possui relação direta com o processo de desenvolvimento do talento esportivo. Autores como Smith (2003), Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993), Bohme (2000, 2002, 2004), Bompa (1999, 2000), Greco (1997), têm discutido e/ou apresentado modelos de TLP que, em síntese, consideram que o treinamento para o esporte de alto nível deve se fundamentar num processo com duração média de seis a dez anos, conforme a especificidade da modalidade esportiva considerada.

Portanto, com o propósito de buscar subsídios para entender e auxiliar o processo e o ambiente de iniciação e de desenvolvimento de talentos esportivos no judô, este estudo tem como objetivo analisar a idade de iniciação esportiva, o processo de iniciação na modalidade judô, e o tempo de prática de judocas da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004.

MATERIAIS E MÉTODOS

AMOSTRA

O presente trabalho utilizou uma amostra de seis atletas (S1, S2, S3, S4, S5, S6) convocados para compor a Seleção Brasileira de Judô nos Jogos Olímpicos de Atenas, 2004 (50% do universo em estudo).

Neste sentido, o projeto seguiu as normas referentes ao Comitê de Ética em Pesquisa da EEFÉ-USP, sendo que todos os atletas envolvidos tomaram conhecimento dos documentos relacionados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Carta de Informação ao Sujeito de Pesquisa para participação no estudo.

INSTRUMENTOS

Com o objetivo de verificar a idade de iniciação esportiva, o processo de iniciação e o tempo de prática de judocas olímpicos brasileiros, foi utilizado como instrumento de pesquisa o roteiro de entrevista adaptado de Massa (2006), composto por três perguntas:

- 1) Há quanto tempo você pratica judô?
- 2) Com qual idade você iniciou?
- 3) Você pode me contar como foi seu começo no judô?

PROCEDIMENTOS

Os depoimentos foram gravados em uma fita magnética e, posteriormente, transcritos de modo a recuperar a integridade deles, servindo de matéria-prima para a construção do Discurso do Sujeiro Coletivo (DSC).

Desta maneira, de acordo com discursos individuais obtidos através da técnica de entrevista estruturada, pretendeu-se construir metodologicamente a expressão do pensamento coletivo (DSC).

ANÁLISE DOS DISCURSOS

Para análise dos discursos obtidos foi utilizado o método do “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC), Lefèvre e Lefèvre (2003). O DSC permitiu uma abordagem qualitativa acerca do processo de formação esportiva de judocas olímpicos brasileiros. Conforme Lefèvre e Lefèvre (2003), o pensamento é algo essencialmente discursivo e só poderá ser obtido numa escala coletiva a partir de perguntas abertas elaboradas para um conjunto de indivíduos de alguma forma representativo dessa coletividade, e deixar que esses indivíduos se expressem mais ou menos livremente, ou seja, que produzam discursos. Neste sentido, a questão fechada é insuficiente diante dessa perspectiva, pois não ensina a expressão de um pensamento, mas a expressão de uma adesão (forçada) a um pensamento preexistente.

RESULTADOS

De maneira a verificar a idade de iniciação e o tempo de prática de judocas olímpicos brasileiros, pode-se observar na TABELA 1 as idades individuais de iniciação na modalidade e o tempo de prática acumulado para cada judoca até o presente estudo. São apresentados também, em função da natureza dos dados obtidos, os valores de média e desvio padrão da amostra para idade de iniciação e tempo de prática.

Em função da natureza dos discursos obtidos para as perguntas - “Há quanto tempo você pratica Judô?”, “Com qual idade você iniciou?” -, em vez da construção do DSC, optou-se pela caracterização da amostra através das idades de iniciação na modalidade e do tempo de prática de cada judoca. De acordo com os valores observados, pode-se verificar que a média de idade de início de treinamento específico dos judocas olímpicos brasileiros foi de $6,2 \pm 1,3$ anos e o tempo de prática acumulado foi de $22 \pm 4,1$ anos (TABELA 1).

Tabela 1 – Idade de iniciação e tempo de prática de judocas olímpicos brasileiros.

	Idade de iniciação (anos)	Tempo de prática (anos)
S1	5	18
S2	7	18
S3	5	27
S4	8	22
S5	7	20
S6	5	27
Média	6,2	22
DP	1,3	4,1

Com o objetivo de analisar o processo de iniciação no Judô é que foi elaborada a pergunta – “Você pode me contar como foi seu começo no judô?”. Desta forma, seguem apresentadas na TABELA 2 as ideias centrais (ICs) captadas, a frequência absoluta das respostas e o percentual referente a cada IC para a pergunta.

Tabela 2 – Caracterização das ideias centrais (IC), frequência absoluta e percentual de respostas para a pergunta: Você pode me contar como foi seu começo no judô?

IC		Frequência	%
A	Apoio da família	5	83,3
B	Proximidade de casa	3	50,0
C	Comportamento	3	50,0
D	Bons professores	1	16,6

Assim, as quatro ICs captadas (IC-A, IC-B, IC-C e IC-D) e apresentadas na TABELA 2, emergiram do DSC construído a partir do discurso individual dos judocas, configurando o DSC1, DSC2, DSC3 e DSC4 apresentados abaixo:

DSC1: IC-A – Apoio da família (S2, S3, S4, S5, S6).

“Meu pai, que fazia Judô, disse que eu precisava fazer algum esporte. O pediatra da família recomendou para minha mãe que eu fizesse Judô e Natação. Tinha um tio que também fazia Judô que sugeri que eu entrasse no Judô. Logo no 2º dia que eu fui, meu irmão foi também, e assim tudo começou. Não que eu já gostasse de Judô, eles me impuseram isso, deu certo e eu comecei a gostar do esporte. Eu não tinha ideia do que era o Judô, não tinha ideia do que era nada, mas eu gostava de artes marciais devido à família já praticar artes marciais.”

DSC2: IC-B – Proximidade de casa (S1, S2, S5).

“Nasci numa cidade do interior e não tinha muita opção para a prática esportiva, mas havia uma forte influência da colônia japonesa. Os esportes praticados na época eram o Judô, Atletismo e Beisebol. Então fui atraído pela disciplina do Judô, pela educação, pela perseverança. Foi isso o que mais me cativou. Entrei em uma academia de tradição, academia japonesa mesmo, no meu bairro.”

DSC3: IC-C – Comportamento (S2, S3, S4).

“Eu entrei no Judô porque eu era uma criança hiperativa. Tinha um comportamento que minha mãe não conseguia me dominar muito em casa e meus pais queriam que eu não ficasse muito tempo na rua. Era aquele discurso que todo pai faz para o filho no sentido de se afastar das drogas e do tempo ocioso.”

DSC4: IC-D – Bons professores (S5).

Obs.: o discurso abaixo se refere exclusivamente ao sujeito S5, pois apenas ele apresentou a IC bons professores, não caracterizando, portanto, um discurso coletivo.

“Eu dei sorte, peguei um professor que, para iniciação, eu acho, considero um dos melhores do Brasil. Ele já revelou grandes talentos, não só eu, vários outros. Então é assim, tudo que eu tenho hoje é devido a essa ótima iniciação que eu tive.”

Portanto, de acordo com os resultados dos DSCs apresentados, pode-se verificar como relevante a importância da família (83,3%) no processo de aproximação dos judocas à modalidade. Outros fatores como a proximidade de casa (50%), as características de comportamento da criança (50%) e a presença de bons professores na iniciação (16,6%) também puderam ser observados nos discursos como agentes dessa busca e/ou aproximação.

DISCUSSÃO

Em relação ao início do treinamento, a idade média de $6,2 \pm 1,3$ anos aproximou-se do que foi verificado em outros estudos (ARENA e BÖHME, 2000). Contudo, cabe salientar que a iniciação ocorreu em idades muito precoces, ou seja, entre cinco e seis anos de idade e, portanto, deve ser vista com cautela, se associada a uma especialização esportiva unilateral; o que seria inadequado para a idade, levando em consideração o processo de busca por um amplo acervo motor. De modo similar às pesquisas conduzidas por Bloom (1985), Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1997) e Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993), pode-se assumir que iniciar cedo o treinamento específico não é necessariamente ruim para o processo de formação esportiva.

Sendo assim, no caso específico do Judô, parece que o início precoce do treinamento é um dos fatores mais relevantes para a aquisição de um alto nível de

desempenho. Todavia, é importante salientar a importância de um início prazeroso na modalidade, assim como é fundamental o controle de frequência, duração e planejamento de atividades, de maneira que a criança descubra outros desdobramentos motores através da própria prática do Judô. Não só outras atividades motoras devem ser conjugadas de maneira saudável no cotidiano de vivências da criança, de maneira a ampliar o acervo motor dela.

Quanto ao tempo de prática, o valor médio dos judocas olímpicos brasileiros foi de 22 ± 4 , 1 anos, o que indica a longa trajetória do judoca até o alto nível de desempenho. Neste sentido, é possível considerar que os resultados parecem se aproximar do que é preconizado na teoria do TLP bem como das teorias relacionadas ao processo de desenvolvimento de talentos (BLOOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI, RATHUNDE e WHALEN, 1997; ERICSSON, KRAMPE e TESCH-RÖMER, 1993; MARTINDALE, COLLINS e DAUBNEY, 2006; SILVA et al., 2010; SMITH, 2003; TRANCKLE e CUSHION, 2006; VAEYENS et al., 2009; VAEYEN et al., 2008), nas quais parece ser unânime a ideia de que tempo (quando) e qualidade de prática (como) interferem diretamente no desenvolvimento do talento esportivo. Resgatando o conjunto das colocações de Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) e de Gibbons et al., (2002), para desenvolver talento são necessárias 10.000 horas e/ou 10 anos de treinamentos sistemáticos de prática deliberada. Ainda de acordo com estes estudos, amostras de sujeitos violonistas e pianistas demonstraram que a prática deliberada exerce papel determinante na diferenciação da qualidade entre os músicos. Conforme os resultados encontrados, quanto maior o número de horas de prática, melhor a qualidade do músico. Os autores acrescentam, corroborando com BLOOM (1985) e CSIKSZENTMIHALYI, RATHUNDE e WHALEN (1997), que as características inatas identificadas de forma prematura não são determinantes na carreira de um futuro talento, mas alguns fatores como as condições do ambiente, o suporte familiar, a motivação do praticante e a predisposição para a prática, associados à prática deliberada, são fundamentais para a promoção de um talento.

Ainda assim, as respostas fornecidas pelos judocas sobre a importância da participação de familiares, valorização da modalidade na cultura local e bons professores ressaltam a interferência de fatores qualitativos no acesso e envolvimento com o treinamento, corroborando com a literatura (PACHARONI e MASSA, 2012). No estudo de Gibbons et al., (2002), foi possível verificar que os atletas olímpicos norte-americanos tiveram seu início em modalidades esportivas principalmente através de atividades desenvolvidas com a própria família e amigos, em clubes privados, em programas comunitários e na própria escola, ficando mais uma vez evidente a importância de fatores socioculturais no processo de formação esportiva.

Entretanto, no Brasil, observa-se que algumas escolas, centros esportivos comunitários, clubes e escolas de esporte, ainda não possuem uma estrutura

(física e pessoal) e/ou uma política de ação suficientemente democrática e coerente às necessidades e interesses da criança, colocando em dúvida a gama efetiva de oportunidades que a grande maioria das crianças e adolescentes brasileiros acumula durante a sua formação. Assim, neste contexto relacionado à iniciação esportiva e aos processos de detecção, seleção e promoção de talentos, o Brasil caracteriza-se como gerador de um programa inconsistente, assistemático e não estruturado, no qual estado, empresas, clubes e a própria família dividem a responsabilidade de subsidiar a estrutura esportiva para o desenvolvimento do talento esportivo (MATSUDO, 1996, 1999).

Outro fator que merece ser comentado, quanto ao apoio da família, é a percepção de que um reforço positivo adequado da família pela prática do judô pode exercer papel fundamental não somente na aproximação da modalidade, mas, sobretudo, na geração de um sentimento de prazer pela prática e, quando há prazer envolvido, pode-se inferir sobre o alto grau de probabilidade de a criança continuar na atividade.

Sendo assim, o discurso dos judocas é compatível com o comportamento descrito nos estudos de Bloom (1985), Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1997), Gibbons et al., (2002) e Lidor e Lavyan (2002) no que tange os anos iniciais de aprendizagem. Conforme esses autores, assim como no presente estudo, (a) o apoio e incentivo considerável dos pais, professores e/ou treinadores foram fundamentais para os anos de iniciação; (b) os anos iniciais da aprendizagem foram marcados por um período no qual a criança aprendia a gostar da atividade; (c) o interesse pela atividade era fundamental para a permanência da criança no estágio inicial, bem como para alcançar o próximo estágio de desenvolvimento, dependendo fortemente do apoio e da orientação de técnicos e professores; (d) para muitas crianças, esse contexto positivo parecia agir como um fator motivacional relevante para o desenvolvimento da área de interesse futuro; (e) independentemente da capacidade técnica dos professores/treinadores, sob o ponto de vista do trabalho com crianças, eram profissionais extremamente capacitados e forneciam reforços afetivos positivos às necessidades inerentes ao período da infância, mantendo a aprendizagem e o desempenho nas atividades.

Neste sentido, quanto ao DSC4 – bons professores – é possível relacionar a referida ideia central aos elementos apresentados no parágrafo acima, na medida em que uma cadeia de apoio composta por familiares e professores e/ou técnicos parece ser um suporte essencial para que a criança se encoraje e participe de uma modalidade esportiva. Desta maneira, é possível verificar no DSC4 a relevância atribuída ao professor que exerceu o trabalho de iniciação no judô. Entretanto, pode-se observar agregada ao mesmo discurso, a ideia de que nem todos possuem a chance de iniciar no judô sob a responsabilidade de um bom professor.

Conforme uma fração do DSC4, “Eu dei sorte, peguei um professor que para iniciação, eu acho, considero um dos melhores”, cabe questionar até que ponto a grande maioria das crianças e adolescentes brasileiros possuem a oportunidade de se aproximar do judô e, em se aproximando, qual seria a chance delas serem supervisionadas por profissionais devidamente preparados para atuar nos anos iniciais da aprendizagem. Desta maneira, deixar a qualidade do processo de iniciação no judô (ou de qualquer atividade) entregue à “sorte” ou ao “acaso” é um risco que não democratiza o acesso à prática de qualidade, a descoberta do prazer e a possibilidade fundamentada de gerar talentos, não por obra do “acaso”, mas por um “motivo”. Não distante deste contexto, ao pensar no modelo educacional que perdura em nosso país, é possível verificar as mesmas carências, nas quais o destino das descobertas e prazeres de muitas gerações foi e permanece entregue ao “acaso”.

Considerando a proximidade de casa (DSC2), observa-se que estruturas, como escolas, clubes e centros esportivos públicos, em nenhum momento foram citadas quanto a sua presença e importância no processo de iniciação no judô. Coincidentemente, o DSC2 traz em seu bojo a ideia de um processo de iniciação dependente da cultura isolada de uma cidade ou da proximidade de uma academia particular perto de casa, e não de um programa estruturado e democratizado de acesso à prática de diferentes atividades esportivas, geradas inclusive pelo poder público (ARENA e BÖHME, 2000).

Portanto, mais uma vez, depara-se com o fator “acaso” na geração de oportunidades na fase de iniciação, contrariando os pressupostos de Bloom (1985), Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1997), e Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) e Hebbelink (1989), no que se refere à ampla função da escola e do estado, que abrangeria desde a fase das descobertas das potencialidades e deficiências de cada criança, até os processos de seleção de talentos e o preparo específico para uma determinada modalidade esportiva através do TLP. Em contrapartida, observa-se que mesmo diante de um processo carente, assistemático e não estruturado, algumas cidades de cultura oriental e microssistemas de academias espalhadas pelo Brasil têm contribuído para os anos iniciais de aprendizagem, ocupando papel relevante na primeira etapa do TLP. Contudo, tendo como base a representatividade da presente amostra para o judô brasileiro, merece destaque a carência de estruturas públicas escolares e esportivas disponíveis no Brasil e a escassez de recursos físicos e humanos.

Ademais, vale ressaltar que o presente estudo compreende um universo seletivo de seis atletas de judô da Seleção Brasileira nas Olimpíadas de Atenas. Assim, os resultados obtidos não devem ser simplesmente interpretados como uma “receita de bolo” que possa ser generalizada como fórmula de sucesso para a população em geral. Sendo assim, embora se possa inferir sobre a relevância dos

resultados observados, estudos futuros que continuem investigando o contexto de desenvolvimento de judocas promissores são necessários, inclusive no sentido de analisar e discutir os motivos e razões que levam judocas igualmente promissores a não atingir o alto rendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o presente estudo alcançou no seu decorrer os objetivos propostos em seu início, no qual podemos observar que o início precoce do treinamento é um dos fatores mais relevantes para a aquisição de um alto nível de desempenho posterior, ao tempo que a idade média de iniciação de judocas olímpicos na modalidade ocorreu por volta dos $6,2 \pm 1,3$ anos. Entretanto, vale ressaltar que o estudo em questão envolve um grupo seletivo de atletas, e novos estudos que investiguem os motivos e razões que levam judocas igualmente promissores a não atingir o alto rendimento são necessários. Ademais, foi possível verificar que o microsistema local, próximo ao ambiente de desenvolvimento da criança, composto pela cultura de uma cidade e/ou de trabalhos isolados de clubes ou academias, associados com o apoio dos familiares, foi capaz de gerar o ambiente ideal para a formação de judocas de nível internacional.

Sports Initiation and Practice Time of Brazilian Judo Athletes: Under the Light of Long Term Training and the Talent Development Process

ABSTRACT: The objective of this study was to analyze the age of sports initiation, the initiation process in judo and practice time of Brazilian judo Olympic players. For this, we used a sample of 6 judokas belonging to the Brazilian team at the Olympic Games of Athens 2004. The research used an interview tool that consists in 2 open questions. The speeches indicated that early training is one of the most relevant factors for the acquisition of a high level of performance subsequent to the time that the average age of initiation into the sport occurred at around 6.2 ± 1.3 years. Family support combined with a microsystem development of athletes, form an environment capable of generating international level judo athletes.

KEYWORDS: Judo; Aptitude; Sports Initiation; Talent Development.

Iniciación deportiva y tiempo de practica de luchadores olímpicos de judo brasileños: la luz del entrenamiento a largo plazo y del proceso del desarrollo de talentos

RESUMEN: El objetivo de este estudio fue analizar la edad de iniciación deportiva, el proceso de iniciación en la modalidad judo, y el tiempo de practica de los luchadores olímpicos brasileños.

Fue utilizada una muestra de 6 luchadores de la selección brasileña de los Juegos Olímpicos de Atenas, 2004. La pesquisa utilizó como herramienta una entrevista compuesta por 2 preguntas abiertas. Los discursos indicaron que la iniciación temprana del entrenamiento es uno de los factores más relevantes para la adquisición de un alto nivel de desempeño posterior, al tiempo que la edad mediana de la iniciación en la modalidad ocurrió por vuelta de los $6,2 \pm 1,3$ años. Además, el apoyo familiar, asociado a un microsistema de desarrollo de los atletas forman un ambiente capaz de generar atletas.

PALABRAS CLAVE: Judo; aptitud; iniciación deportiva; desarrollo del talento.

REFERÊNCIAS

ARENA, S.S.; BÖHME, M.T.S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.14, n.2, p.184-95. 2000.

BÖHME, M.T.S. O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v.21 n.2/3 p. 4-10. 2000.

BÖHME, M.T.S. "O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo". In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.109-122.

BÖHME, M.T.S. "Talento esportivo". In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 235-249.

BLOOM, B.S. *Developing talent in young people*. New York: Ballentine. 1985.

BOMPA, T.O. *Periodization: theory and methodology of training*. Champaign: Human Kinetics. 1999.

BOMPA, T.O. *Total training for young champions: proven conditioning programs for athletes ages 6 to 18*. Champaign: Human Kinetics. 2000.

CSIKSZENTMIHALYI, K; RATHUNDE, K; WHALEN, S. *Talented teenagers: the roots of success and failure*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, Massachusetts, n.3, p.363-406. 1993.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. (1998). *Understanding motor development: infants, children, adolescents, adults*. Madison: WCB Brown & Benchmark. 1998.

GIBBONS, T.; Hill, R.; MCCONNELL, A.; FORSTER, T.; MOORE, J. *The path to excellence: a comprehensive view of development of U. S. Olympians who competed from 1984 – 1998*. (Initial Report: results of the talent identification and development questionnaire to U. S. Olympians athlete development and coaching and sport sciences divisions, 2002). Disponível em: < <http://www.usolympicteam.com/codp> >. Acesso em: 15 Dez., 2010. 2002.

GRECO, P.J. "Fase central do sistema de formação e treinamento desportivo". In: GRECO, P.J.; SAMULSKI, D.; CARAN, E. *Temas atuais em educação física e esportes I*. Belo Horizonte: Health. 1997. p.13-32.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. *Iniciação esportiva universal I: da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física da UFMG, 1998.

HEBBELINCK, M. Identificação e desenvolvimento de talento no esporte: relatos cineantropométricos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. v.1, p.46-62. 1990.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS. 2003.

LIDOR, R., LAVYAN, N.Z. A retrospective picture of early sport experience among elite and near israeli athletes: developmental and psychological perspectives. *International Journal of sport psychology*. p33:269-289. 2002.

MATSUDO, V.K.R. "Detecção de talentos". In: GHORAYEB, N.; BARROS, T. (Organizadores). *Exercício. Preparação fisiológica, avaliação médica; aspectos especiais e preventivos*. São Paulo: Editora Atheneu. 1999.

MATSUDO, V.K.R. "Prediction of future Athletic Excellence". In: BAR-OR . *The child and adolescent Athlete. The encyclopaedia of sports science*, Illinois: Human Kinetics. 1996.

MARTINDALE, R.J.J.; COLLINS, D.; DAUBNEY, J. Talent development: a guide for practice and research within sport. *Quest*, 57, 353-375. 2005.

PACHARONI, R.; MASSA, M. Processo de formação de tenistas talentosos. *Motriz: Revista de Educação Física*, vol. 18, n. 2, p.253-261, 2012.

SILVA, L.R.R; MASSA, M.; RÉ, A.H.N.; UEZU, R.; TEIXEIRA, C.P. *O talento esportivo: reflexões e perspectivas*. In: Silva, L.R.R. *Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes*. São Paulo: Phorte. 2010.

SMITH, D.J. A framework for understanding the training process leading to elite performance. *Sports Medicine*, 33, 15, 1103-1126. 2003.

STODDEN, D.F.; GOODWAY, J.D.; LANGENDORFER, S.J.; ROBERTON, M.A.; RUDISILL, M.E.; GARCIA, C.; GARCIA, L.E. A developmental perspective on the role of motor skill competence in physical activity: An emergent relationship. *Quest*, 60, 2, 290-306. 2008.

STORK, S.; SANDERS, S.W. Physical education in early childhood. *Elementary School Journal*, 108, 3, 197-206. 2008.

TRANCKLE, P.; CUSHION, C.J. Rethinking giftedness and talent in sport. *Quest*, 58, 265-282. 2006.

VAEYENS, R.; GULLICH, A.; WARR, C.R.; PHILIPPAERTS, R. Talent identification and promotion programmes of Olympic athletes. *Journal of Sports Sciences*, 27, 13, 1367-1380. 2009.

VAEYENS, R.; LENOIR, M.; WILLIAMS, A.M.; PHILIPPAERTS, R.M. Talent identification and development programmes in sport: Current models and future directions. *Sports Medicine*, 38, 9, 703-714. 2008.

Recebido em: 5 out. 2012

Aprovado em: 12 mar. 2013

Endereço para correspondência:

Prof. Dr. Marcelo Massa

Universidade de São Paulo, USP

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, EACH

Rua Arlindo Bettio, n. 1000, CEP: 03828-000

Sala 40 (Prédio A1), São Paulo – SP, Brasil.

